



## **MODOS DE SER E VIVER EM COMUNIDADE: O SUJEITO NEGRO E O DISCURSO COMUNITÁRIO EM VENÂNCIO AIRES-RS**

Viviane Inês Weschenfelder<sup>1</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Pesquisa financiada pela CAPES

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma análise de alguns textos do jornal Folha do Mate que ressaltam a importância da vivência comunitária em Venâncio Aires – RS. Principal mídia impressa do município, o jornal Folha do Mate é tomado nesta pesquisa como um campo de visibilidade que possibilita entender como se estruturam os discursos que circulam sobre o negro neste espaço cultural. Problematisa-se, nesse caso, como o discurso comunitário posiciona os afro-descendentes e produz maneiras de ser e viver que na maioria das vezes o exclui como sujeitos que possuem narrativas identitárias próprias. Ao buscar as condições de possibilidade para a emergência deste conjunto de enunciados, importa entender como estas práticas culturais tornaram-se, ao longo da história, determinantes para a in/exclusão dos venâncio-airesenses neste espaço cultural, especialmente dos afro-descendentes. A colonização alemã no município e o fato de Venâncio Aires ser considerada a Capital Nacional do Chimarrão produziram algumas condições importantes para o pertencimento da comunidade, como o associativismo, a religiosidade e o culto às tradições gaúchas. Importa pensar o quanto estes códigos culturais inferem na constituição do sujeito negro e quais os efeitos deste discurso comunitário para a educação do município.

**Palavras-chave:** sujeito negro – comunidade – diferença – processos de in/exclusão

### **Introdução**

O município de Venâncio Aires, situado na região do Vale do Rio Pardo, se constitui como um local interessante para uma análise das verdades que produzem o afro-descendente. Embora seja uma região marcada pela colonização alemã, algumas práticas culturais são diferentes de outros locais com esta característica. Elementos como a visibilidade do afro-descendente e a política cultural desenvolvida por alguns sujeitos negros neste município serviram como mobilizadores para esta investigação<sup>2</sup>. O que problematizo, nesse caso, é essa valorização do outro (no caso, o negro) a partir de um espaço que é

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

<sup>2</sup> Este artigo é um recorte da pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Educação, que resultou na dissertação intitulada “A produção do sujeito negro: uma análise das verdades que circulam em Venâncio Aires-RS”.

concedido, mas que se constitui através da tolerância e não de uma política intercultural, como nos posicionamos.

Neste trabalho, a perspectiva Pós-Estruturalista, aliada às teorizações propostas por Michel Foucault, ajudam-me a pensar como se constitui o sujeito afro-descendente<sup>3</sup> em um espaço cultural específico, mas que a partir do entendimento das relações de poder e dos discursos que produzem o negro, possibilitam-me problematizar os efeitos das verdades que vão além dos sujeitos deste espaço. Para desenvolver esta pesquisa, utilizei como material de investigação o jornal Folha do Mate, mídia impressa de maior alcance no município de Venâncio Aires. Ao fazer uso de algumas ferramentas analíticas de Foucault, especialmente enunciado, discurso, verdade e governamentalidade, meu interesse foi, num primeiro momento, olhar para as (in)visibilidades<sup>4</sup> do negro no jornal e, posteriormente, analisar os discursos que circulam neste espaço de investigação. Assim, como forte instrumento de produção de enunciados, o jornal constitui (mas também é constituído) e coloca em circulação alguns discursos que são tomados pelos venâncio-airesenses como verdades. Configura-se, assim, como um espaço educativo, na medida em que educa os venâncio-airesenses a olhar para o negro e o negro a olhar para si mesmo, nesta rede de relações de poder em que os discursos estão colocados.

Ao realizar esta investigação, surpreendeu-me a quantidade de textos publicados no jornal Folha do Mate que enfatizavam a vivência comunitária e conduziam o leitor a viver de uma determinada forma, alimentando-se de determinados valores e normalizando um jeito específico de ser venâncio-airense. Se a “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir” (BAUMAN, 2003, p. 9), é verdade que ela se articula como um discurso poderoso, que exerce um forte poder sobre os sujeitos.

Desta forma, procuro mostrar neste artigo que a valorização de alguns elementos como o associativismo, a religiosidade e o culto às tradições rio-grandenses, muito presentes nos textos publicados sobre Venâncio Aires, é uma condição para o pertencimento à comunidade. A comunidade, desta forma, é um local de segurança e conforto, bem como de pertencimento identitário. No entanto, este sentimento de unidade é problemático na medida em que propõe

---

<sup>3</sup> Neste texto, optei por utilizar os termos ‘negro’, ‘afro-descendente’ ou ainda ‘afro-brasileiro’ com o mesmo sentido, sem entrar na discussão que justifica ou analisa o emprego de cada um dos termos.

<sup>4</sup> A invisibilidade do negro aqui é entendida como a ausência de visibilidade social e cultural. Embora o afro-descendente esteja presente nos dados populacionais, muitas vezes ele é culturalmente invisível na sociedade. Esta ainda é uma realidade que se potencializa em diversas pesquisas que apontam a desigualdade de raça/etnia, especialmente em regiões de colonização europeia, como no Rio Grande do Sul.

uma fixação destas identidades e acaba por homogeneizar as diferenças, pois rompe com a ideia de que existem diversas culturas em um mesmo espaço. Além disso, este discurso acaba por estabelecer formas de ser e de viver em Venâncio Aires, produzindo normas em que muitos acabam excluídos.

Ao nomear-se como a Capital Nacional do Chimarrão, Venâncio Aires procura se destacar como o local da hospitalidade. Assim como o chimarrão é considerada uma bebida que simboliza a amizade, pois geralmente é saboreado entre amigos e familiares, o município realça a ideia de que todos seriam bem recebidos. Esta característica, aliada a fatores como a religiosidade e a organização de clubes e entidades, constituem uma condição de pertencimento à comunidade venâncio-airesense, uma norma para estar incluído e sentir-se parte do local onde mora. De acordo com Maura Corcini Lopes (2009, p. 116),

Toda e qualquer norma traz consigo a necessidade de classificação, ordenamento e hierarquização. Como uma medida e um princípio de comparabilidade, a norma opera a fim de incluir todos segundo determinados critérios que são construídos no interior e a partir dos grupos sociais.

A seguir, procuro apresentar as tramas culturais e as condições de possibilidade históricas para a emergência e o fortalecimento do discurso comunitário no município.

### **Venâncio Aires e suas tramas histórico-culturais**

O Rio Grande do Sul pode ser concebido como um caso específico de hegemonia étnico-cultural em que as relações interétnicas encontram-se fortemente relacionadas ao processo de imigração iniciado a partir da segunda década do século XIX. É preciso ressaltar que, nesse arranjo a partir do qual é entendida a constituição populacional do Estado, algumas etnias foram mais ou menos excluídas e/ou marginalizadas na composição da sua identidade cultural. A própria historiografia da região Sul do Brasil legitimou as narrativas que apontavam para características inatas dos tipos étnicos que compõem a população do Estado, conferindo um valor maior para os brancos de etnia alemã e italiana. Estas especificidades, principalmente em relação ao processo de povoação do território, contribuíram para a criação de inúmeros mitos acerca da identidade cultural da população do extremo sul do país. Nas palavras de Ruben Oliven (1992, p. 49), “as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”.

Os apontamentos realizados por algumas pesquisas na região central do Estado, especificamente no município de Santa Cruz do Sul (NEUMANN, 2006, SILVA, 2007, SKOLAUDE, 2008), despertaram o interesse de olhar também para outros locais do Vale do Rio Pardo. Nesta região, a maioria dos municípios se caracteriza pela imigração europeia, especialmente a alemã. Em Santa Cruz do Sul, onde se desenvolveu um importante núcleo de colonização de imigrantes alemães, a partir de 1849, o que foi constatado nas pesquisas é um discurso que valoriza essencialmente estes colonos, dedicando-lhes todo o mérito do desenvolvimento da região. Em detrimento desta valorização, o que ocorre é a invisibilidade de outros grupos étnicos, em especial os afro-descendentes. Invisíveis tanto cultural como socialmente, eles se posicionam e são posicionados à margem desta sociedade, o que ocorre também dentro da instituição escolar.

Ao valorizar determinados personagens na história regional, vinculando sua presença ao êxito do desenvolvimento da região, a colonização passa a ser entendida como um triunfo, como um desafio alcançado. Nas edições de aniversário de Venâncio Aires, o jornal Folha do Mate publicou muitos históricos do município. Uma análise destes textos, que compreendem os anos de 1974 a 2011, permitiu-me ver que muitas vezes o negro não constava e, quando isso ocorria, era relegado como aquele que “já estava aí”. Uma história positivista, que valoriza o progresso e transforma os acontecimentos em uma epopeia civilizatória, como se pôde observar, tratou de invisibilizar aqueles que não fossem considerados responsáveis pelo desenvolvimento. Em muitos destes históricos, o negro nem sequer é citado. Quando isso ocorre, ele é sempre referido como escravo, como é possível observar no excerto<sup>5</sup> a seguir:

Assim foi desde que aqui chegaram os primeiros povoadores portugueses, que imediatamente passaram a receber os imigrantes alemães, **mesclando-se assim, elementos de origem lusitana e teuta, altamente proveitosa.** [...] um tanto despercebido, **passa sem muitos comentários, a participação significativa dos escravos no desenvolvimento da comunidade venâncio-aiense.** Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

O primeiro relato de posse de terra no território onde hoje se encontra Venâncio Aires foi de uma sesmaria localizada nas margens do Rio Taquari, em 1762, de propriedade de Francisco Machado Fagundes da Silveira. Neste período, quem trabalhava na propriedade e legitimava sua posse eram os escravos (VOGT, 2004). Já no século XIX, precisamente em 1864, sua neta, chamada Brígida Fagundes do Nascimento, doou um terreno para ser

---

<sup>5</sup> Neste texto, optei por apresentar os excertos do jornal Folha do Mate em quadros, em fonte 11, para diferenciar das demais citações. As marcações em negrito foram intencionais. Quando utilizá-los fora do quadro, os fragmentos estarão marcados em itálico.

construída uma igreja em homenagem ao santo de sua devoção, São Sebastião Mártir. Segundo o histórico do município, esta carta de doação seria considerada a certidão de nascimento de Venâncio Aires, pois a partir deste momento o povoamento da então Faxinal dos Fagundes (como era conhecido o município na época) começou a crescer com mais rapidez (FOLHA DO MATE, 1998).

A partir de 1853, os donos das sesmarias passaram a fazer o loteamento das terras para serem vendidas aos colonos alemães e seus descendentes, que começavam a chegar. No vale do Rio Pardo, a colonização iniciou na Colônia de Santa Cruz do Sul, em 1849. Os primeiros alemães a chegarem a Venâncio Aires ocuparam faixas de terra que antes pertencia aos Fagundes, em 1856. No final do século XIX, chegaram também alguns colonos italianos, estes em menor número.

Embora o município seja caracterizado desde sua fundação pela diversidade étnica, a história tradicional ausenta alguns grupos ao falar de sua contribuição para o desenvolvimento da região. Ao exaltar o progresso de Venâncio Aires e valorizar suas raízes históricas, tomam-se como responsáveis os portugueses e os alemães, estando presentes em alguns momentos os italianos. Os indígenas são raramente referidos, e geralmente ocorre quando mencionada a prática cultural do chimarrão, herança destes povos. A história do afro-descendente é ainda anterior à fundação deste município. Segundo Jair Luiz Pereira (2004, p. 74),

a presença da população negra africana e seus descendentes [...] remonta à posse das primeiras sesmarias e datas. Na condição de imigrantes forçados, os escravos chegaram acompanhando seus senhores para trabalho na agricultura, na extração de madeira de lei, e na extração e preparo de ervamate, até então, explorada por indígenas e pessoas itinerantes conhecidas como “serranos.

Ironicamente, o indígena é lembrado positivamente cada vez que é mencionado o principal elemento cultural do município: o chimarrão. Nas edições de aniversário do município, o ano de 2011 foi o primeiro em que o jornal publicou uma reportagem sobre a população indígena venâncio-airense. Considerados minoria étnica, somam apenas 0,08% da população, de acordo com os dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Invisibilizados historicamente, o percentual de indígenas corre o risco de diminuir ainda mais na região, pois sua afirmação identitária implica na sua autodefinição. Os discursos que circulam sobre estes grupos favorecem sua subjetivação, e muitos preferem não se declararem indígenas. Vale lembrar que no censo de 2000, o percentual era de 0,13%.

Culturalmente, Venâncio Aires é conhecido como a Capital Nacional do Chimarrão. Embora o plantio e o processamento da erva-mate não seja a centralidade da economia do município, ela persiste com uma área de 4,7 mil ha de terras e duas importantes indústrias ervateiras. Mesmo produzindo menos erva-mate que outros municípios do Rio Grande do Sul, sua identidade cultural como Capital do Chimarrão permaneceu. De acordo com Vogt e Eckert (2004, p. 229),

esse título passou a ser uma deferência não somente ao gosto generalizado que sua população nutre pelo mate, mas é também uma reconhecida homenagem ao ervateiro, que, através do seu trabalho, que vai da colheita ao beneficiamento da erva, produz uma das mais apreciadas riquezas do município.

Outro aspecto cultural bastante forte em Venâncio Aires é o tradicionalismo gaúcho. Ser a Capital Nacional do Chimarrão favorece o incentivo por parte do governo para desenvolver ações em diferentes locais do município. No ano de 2011, o município contava com diversas entidades folclóricas (11 no total), entre elas Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e Invernadas Artísticas, muitas vinculadas às instituições de ensino. Dentre as atrações que ocorrem aos finais de semana, a maioria são as festas dos padroeiros das comunidades (tanto da cidade quanto do interior) e os rodeios crioulos, realizados nos CTGs. A Secretaria Municipal da Cultura registra hoje também três grupos de dança alemã. Hall (1997, p. 15) já nos chamava a atenção de que

quanto mais importante — mais “central” — se torna a cultura, tanto mais significativas são as forças que a governam, moldam e regulam. Seja o que for que tenha a capacidade de influenciar a configuração geral da cultura, de controlar ou determinar o modo como funcionam as instituições culturais ou de regular as práticas culturais, isso exerce um tipo de poder explícito sobre a vida cultural.

O culto às tradições, no caso de Venâncio Aires, é uma condição para o pertencimento à comunidade. Os encontros com este fim têm o objetivo de criar e manter os laços entre as famílias. Além disso, são considerados importantes espaços educativos para as crianças e jovens, pois muitos são os que participam de algum grupo de dança. É interessante olhar para estes grupos e ver quem está autorizado a participar. A tradição gaúcha acaba agregando sujeitos pertencentes às diversas etnias, mas estas práticas são pouco visíveis nos grupos de dança alemã, por exemplo. Isso mostra o quanto o espaço simbólico das tradições é marcado pelas relações de poder que constituem os indivíduos. Não apenas o valor das tradições, mas

também de outros elementos que produzem o discurso comunitário. Na sessão a seguir, veremos como se configura este discurso e qual a posição do sujeito negro neste processo.

### **O discurso comunitário e o sujeito negro venâncio-aireense**

“Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá. (BAUMAN, 2003, p. 9)

Quando Venâncio Aires se narra, através do jornal Folha do Mate, como um município que possui como principal característica a vivência comunitária, são destacadas formas de ser e viver que idealizam o crescimento econômico como resultado desta vivência. Importa pensar, neste viés, o quanto esta produção cultural amplamente valorizada inclui/exclui os venâncio-aireenses. Quais são as regras para pertencer à comunidade de Venâncio Aires? Para Zygmunt Bauman (2001), uma comunidade apresenta características específicas, como semelhanças entre os indivíduos que dela pertencem, objetivos comuns, submissão do grupo às mesmas regras e uma história que une estes sujeitos. A comunidade, desta forma, é um local de segurança e conforto, bem como de pertencimento identitário. Os excertos publicados no jornal demonstram algumas destas características:

Falar em VA [...] é **falar em hospitalidade, em amizade e em progresso. Desde seu povoamento, o município tem primado pela hospitalidade, recebendo bem todos aqueles que vêm para contribuir com o desenvolvimento da comunidade.** Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

Venâncio Aires nasceu ostentando uma característica que até hoje é instintivamente cultuada: **a vivência comunitária.** [...] Multiplicaram-se as **associações, as organizações comunitárias, e através destas o progresso veio.** [...] Esta marca registrada do povo até hoje encontram as soluções que a muitos visitantes parecem impossíveis. Folha do Mate, s/d, maio de 1990.

**Respeito às tradições** que são a marca do povo, outro **legado dos pioneiros** que foi incorporado ao viver venâncio-aireense. As tradições, respeitadas e honradas. A cultura, mantida e difundida. Os costumes, incorporados e fortalecidos. Tudo isso ajuda a fazer Venâncio Aires, um município com características especialmente próprias (FOLHA DO MATE, s/d, maio de 1990).

A vivência comunitária, deste modo, é descrita como responsável pelo progresso e pelo desenvolvimento do município. O cultivo das tradições, tanto gaúchas como alemãs, é uma das condições necessárias para a valorização da Terra, o que reforça a epopeia civilizatória que concedeu aos europeus o mérito do desenvolvimento regional. Todos os recém chegados serão bem recebidos, desde que venham para contribuir com o desenvolvimento da comunidade. Obviamente, a definição daqueles que devem ser incluídos (ou não) na comunidade venâncio-airense passa pela aprovação do grupo. Norbert Elias (2000), em sua obra “Estabelecidos e *Outsiders*” mostrou a clara divisão existente entre aqueles grupos que já estavam estabelecidos e aqueles que seriam os novos residentes, tratados pelos antigos moradores como *outsiders*. “Costumeiramente, os membros dos grupos outsiders são tidos como não observantes de algumas normas e restrições” (2000, p. 26), pois aqueles indivíduos que não seguem estas normas não são bem vindos. Ainda segundo Elias (2000, p. 26),

O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. Eles põem em risco as defesas profundamente arraigadas do grupo estabelecido contra o desrespeito às normas e tabus coletivos, de cuja observância dependem o status de cada um dos seus semelhantes no grupo estabelecido e seu respeito próprio, seu orgulho e sua identidade como membro do grupo superior.

Em Venâncio Aires, uma das principais características da comunidade é o associativismo, marca identitária dos imigrantes alemães que colonizaram o município na segunda metade do século XIX. Embora as organizações comunitárias deste período tenham sido estruturadas de outras formas e por outras necessidades, como veremos a seguir, é importante perceber que muitos destes elementos ainda são valorizados nos dias atuais. O que temos hoje é um conjunto de enunciações que constituem o discurso da comunidade, o que não quer dizer que a comunidade exista, como nos mostrou Bauman. São outras relações de poder/saber/governo, uma vez que os valores como solidariedade, trabalho, tradição, honestidade e hospitalidade exigidos dos sujeitos para participar da comunidade de Venâncio Aires, se constituem como normas, das quais nem todos podem pertencer.

Em estudo desenvolvido sobre esta temática na história da colonização de Santa Cruz do Sul, Neumann (2006) explicita que os imigrantes vindos para o Sul do Brasil “eram oriundos de uma tradição que considera a escolaridade e a religiosidade como valores a serem traduzidos, manifestando a organização comunitária através da construção da escola e da igreja” (NEUMANN, 2006, p. 47). Esta organização era possível através das associações, principal forma encontrada para superar as adversidades encontradas em um novo país.



Embora os imigrantes alemães fossem provenientes de diferentes locais, “o sentimento de pertencimento à nacionalidade alemã é decorrente do princípio de consanguinidade, ou seja, a nacionalidade herdada pelo sangue” (NEUMANN, 2006, p, 49). Três reportagens publicadas no jornal comprovam a existência da articulação das localidades em torno da religiosidade:

Em um **município de tradição católica**, como VA, é comum encontrar **localidades interioranas com duas ou mais comunidades**. Em função das características peculiares, cada uma se identifica com um santo padroeiro diferente. Folha do Mate, 29 de maio de 2008.

LINHA 17 DE JUNHO. **A religião e a educação** andaram de mãos dadas nas primeiras décadas após a imigração [alemã]. Entre os colonos havia o hábito de rezar no final de cada dia de aula. Também rezavam antes das refeições. Folha do Mate, 29 de maio de 2008.

Assim como a escola funcionava inicialmente em casa do professor, também as primeiras missas e cultos foram celebrados em casas de famílias que hospedavam o padre ou pastor. [...] Cada um sentia a obrigação de transmitir, assim como **os valores culturais, também a religião** de seus ancestrais. Folha do Mate, 10 de maio de 2011.

No interior do município, cada comunidade é responsável por organizar suas celebrações e promover, uma vez por ano, sua quermesse, ocorrida próximo ao dia do santo padroeiro. Esta característica é marcante não só em Venâncio Aires, mas nas demais regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. Da mesma forma, constituem-se como elementos comuns a estreita relação entre a igreja, a escola e o salão de confraternizações. Nestas localidades, espera-se do professor que ele seja um líder comunitário, que possa ensinar os valores cristãos aos alunos, dando continuidade à educação que é iniciada na família. Dagmar Estermann Meyer, em estudo desenvolvido sobre a cultura e a docência teuto-brasileira- evangélica no Rio Grande do Sul afirmou “que a Igreja e a escola, bem como a imprensa vinculada a elas, foram instituições que estiveram profundamente conectadas à produção, manutenção e transformação da cultura teuto-brasileira-evangélica”. (MEYER, 2000, p. 110). Podemos perceber, com os exemplos fornecidos pela Folha do Mate, que nas regiões de devoção católica estas instituições também foram importantes para a permanência da cultura alemã.

O associativismo e a valorização de uma identidade através da língua e do sentimento de pertencimento de uma nação mostram como estes elementos estão relacionados à comunidade. Como organização, as comunidades sempre existiram, mas ela se consolida

como discurso especialmente durante o século XIX, com o fortalecimento do Estado-Nação. Segundo Benedict Anderson (1989), a nação é uma comunidade política imaginada. “Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão” (ANDERSON, 1989, p. 14).

O comunitarismo, desta forma, é uma teoria advinda da Modernidade, pois está intimamente relacionada aos princípios de Estado-Nação modernos. Ela é, segundo Bauman (1998, p. 234), “uma ideologia moderna, idealizada e preconizada segundo condições modernas – ou seja, sob as circunstâncias em que a escolha é não só uma possibilidade, mas uma realidade a que é difícil escapar”. Ao configurar-se desta forma, o comunitarismo se estrutura a partir de um sonho de pureza, de proximidade e de aproximação com o outro, o que acaba por produzir um discurso que essencializa uma cultura específica, ressaltando determinadas identidades em detrimento das outras. Em consequência disso, este sentimento de unidade é problemático na medida em que propõe uma fixação destas identidades e acaba por homogeneizar as diferenças, pois rompe com a ideia de que existem diversas culturas em um mesmo espaço.

Para Bauman (1998), o sonho da pureza é um ideal que procurou ser alcançado por inúmeras sociedades no decorrer dos tempos. A comunidade é uma forma de expressar essa busca da pureza, pois valoriza a proximidade, o conforto e a segurança, valores que são eternamente buscados pela humanidade. Aqueles que desafiam este ideal de pureza e colocam em xeque a vida comunitária são os — “estranhos”, a — “sujeira” que merece ser anulada, varrida para fora do lugar. Esta tentativa de limpeza foi característica da Modernidade, que instituiu as normas e procurava isolar os — “anormais”, como bem nos mostrou Michel Foucault (2001), na obra com o mesmo nome.

“As comunidades não devem ser distinguidas por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 1989, p. 15). O jornal venâncio-airense faz uso de alguns acontecimentos e elementos simbólicos e para comprovar a crença de que o município se destaca pela vivência comunitária, como a construção da Igreja Matriz e o pórtico de entrada da cidade.

[construção da Igreja Matriz]foi motivo suficiente para o povo venâncio-airense, que já possuía o **espírito comunitário**, desenvolver a campanha deste grande monumento de arte. [...] A construção da igreja matriz é mais uma **prova do espírito comunitário do povo de Venâncio Aires**. Folha do Mate, 11 de maio de 1988.

O visitante ao entrar na cidade depara-se com o primeiro marco que caracteriza o município. **O imponente pórtico, com duas mãos estilizadas sustentando cuias de chimarrão com bombas que se entrelaçam**, num significado de **hospitalidade que caracteriza nossa gente**. Folha do Mate, 7 de maio de 1988.

Existem ainda outras reportagens que realçam as características da vida comunitária, especialmente os valores da amizade e da tradição gaúcha, que são reforçadas em todas as edições de aniversário do município, quando o jornal publica uma reportagem especial ou um encarte específico. Os textos a seguir são exemplos do conteúdo destes cadernos que homenageiam Venâncio Aires.

Esta é um pouco da história de VA, terra da erva-mate, Capital Nacional do Chimarrão, onde a cuia corre de mão em mão, **simbolizando a amizade e a hospitalidade do povo venêncio-aiense**. Folha do Mate. 8 de maio de 1998

Nas páginas a seguir, [...] **reforçaremos as tradições e os laços de amizade** e teremos a convicção de quem vai embora um dia acaba retornando. Folha do Mate, 9 de maio de 2009.

O trabalho realizado por Oliven (1992) sobre a construção da identidade gaúcha chama a atenção para a exaltação do gaúcho como uma figura que acaba sendo excludente, pois remete o personagem aos pampas, deixando de fora metade do território do Rio Grande do Sul, como as regiões de imigração alemã e italiana. Em Venâncio Aires, percebemos que diversas localidades marcadas pela colonização possuem grupos de dança de tradição gaúcha, participam das mateadas organizadas pela administração municipal e valorizam a “Terra do Chimarrão”, não havendo conflitos pela valorização da cultura gaúcha ou alemã. No entanto, estas práticas culturais se fazem de modo excludente no que se refere ao negro e ao indígena, “que comparecem no nível das representações de uma forma extremamente pálida” (OLIVEN, 1992, p. 100).

O único registro encontrado sobre a participação do negro na comunidade venêncio-aiense foi sobre João Generoso dos Santos, considerado um líder comunitário por ter fundado a Sociedade Négo F. C. São Sebastião e ser conhecido como o “pai dos negros”.

**LÍDER COMUNITÁRIO** – Um dos grandes **líderes comunitários do município de VA foi um negro**. João do Cerso, João da Prefeitura ou Schwatz João eram os apelidos de João Generoso dos Santos. Natural do interior do Rio Pardo, era filho de escravos. Folha do Mate, 11 de maio de 2000.

É possível perceber, através da análise destas enunciações, que embora a vivência comunitária possa parecer uma característica que une os venâncio-aireses, este modo de ser e viver acaba por excluir alguns sujeitos no município, em especial os afro-descendentes. Muitas vezes João Generoso é visto como uma liderança da comunidade especificamente dos negros, e não do município, como ocorre quando se trata da vivência das tradições alemã e gauchesca. Ainda assim, para que fosse acolhido e considerado uma liderança comunitária, o Sr. Generoso teve que se submeter a algumas regras locais, em especial com relação ao idioma. Uma reportagem especial sobre este “moreno de olhos azuis”, como foi chamado pelo jornal, evidencia algumas destas condições.

João Generoso foi **criado pela família Eiserman**. A família o adotou para cuidar de uma criança. **Falavam somente o idioma alemão** e depois de certo tempo não sabia nem mais o português. Os seus pais eram pobres e escravos. [...] **Não é muito comum encontrar-se uma pessoa morena, falando o idioma alemão**. Entretanto, o Sr João fala perfeitamente, e **foi por esse motivo que veio a Venâncio Aires**. [...] Na Prefeitura João Generoso exerceu os mais diferentes cargos. Era recepcionista, **intérprete do alemão**, fiscal dos indigentes no Hospital, fiscal dos matadouros, cobrador de impostos, etc. Sempre foi uma **pessoa muito querida dos brancos e morenos** e por isso mesmo todos o respeitavam. Até hoje, lembra, “muitos agricultores de origem alemã me visitam e me trazem presentes”. Isso **naturalmente lhe causa grande satisfação**. E continua falando o alemão normalmente. Folha do Mate, 21 de agosto de 1981.

A história de João Generoso, fundador do Clube Négo, é semelhante a outras em que negros foram incluídos nas regiões de colonização alemã, especialmente por ser criado junto a uma família alemã e falar o idioma alemão, uma importante condição para ser pertencente à comunidade. Conhecer histórias de afro-descendentes que aprenderam a apreciar a cultura alemã e seus valores culturais não é entendido aqui como um problema. A questão se torna complicada na medida em que esta cultura hegemônica acaba por subsumir as diferenças existentes na região, anulando a cultura do outro. Importa pensar o quanto estes códigos culturais são ainda hoje praticados pela população do município e quais os efeitos dessa vivência comunitária para a educação de Venâncio Aires.

O que temos nestas histórias de vida é o exemplo de uma política assimilacionista, como mostrou Vera Maria Candau. “A assimilação —não mexe na matriz da sociedade, procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica” (CANDAU, 2008, p. 20-21). Sérgio Costa (2006, p. 92) argumenta que “em contraposição às construções identitárias homogeneizadoras que buscam aprisionar e localizar a cultura, coloca-se a ideia da diferença, articulada, contextualmente, nas lacunas de sentido entre as fronteiras culturais”. Um

depoimento de uma representante do Movimento Negro, articulado no início da década de 90, mostra o quanto o idioma alemão era considerado um fardo para a população negra do município:

Ainda hoje existe racismo, inclusive em VA. Aqui, **o racismo se manifesta, por exemplo, na exigência de falar o alemão quando o comércio quer um balconista**. Fonte: Folha do Mate, s/d 1990, suplemento.

Aqueles indivíduos que desejam fazer parte do grupo dos estabelecidos, conforme nos advertiu Elias (2000), são obrigados a entrar na lógica exercida por eles e permitir serem conduzidos, caso contrário, serão sempre considerados os *outsiders*. “Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a esta expectativa” (ELIAS, 2000, p. 30). Isto explica porque, nas discussões infundáveis sobre racismo, muitos afirmam que os negros são preconceituosos com eles mesmos. Segundo Bauman (2001, p. 202),

O aspecto em que somos semelhantes é decididamente mais significativo que o que nos separa; significativo bastante para superar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posição. E não que “eles” sejam diferentes de nós em tudo; mas eles diferem em um aspecto que é mais importante que todos os outros, importante o bastante para impedir uma posição comum [...]. É uma situação tipicamente ou/ou: as fronteiras que “nos” separam “deles” estão claramente traçadas e são fáceis de ver.

A diferença causa estranhamento e receio nos promotores do discurso comunitário, pois ela é impossível de ser governada (ROOS, 2009). É por isso que ela procura ser maculada, homogeneizada e desestruturada, o que ocorre sempre que uma determinada forma de viver é exaltada, pois os princípios normalizadores já estão previamente definidos. Não há lugar para quem não segue a norma. Estes são os estranhos, aqueles que não comungam do progresso e dos elementos que são considerados belos, por isso, são os diferentes de “nós”. Se cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos, como nos advertiu Bauman (1998), em Venâncio Aires uma das maneiras de produzi-los é através do discurso da comunidade, tomado aqui como uma das verdades que circulam no município.

Olhando para as complexas relações de poder que a Contemporaneidade coloca em circulação, vemos que o discurso da comunidade se atualiza através da busca permanente deste indivíduo imaginado, que nunca está pronto para fazer parte do mundo comunitário. Vivenciar os diversos valores considerados imprescindíveis para a comunidade em Venâncio

Aires é um eterno vir a ser, mas que coloca em jogo as tramas discursivas que rasuram determinados indivíduos, especialmente o sujeito negro.

O comunitarismo, assim, se renova em busca de um passado distante, em prol da valorização de uma forma de vida que não é mais possível alcançar. As comunidades organizadas pelos imigrantes alemães, assim como as irmandades religiosas fundadas pelos escravos e libertos do final do século XIX, foram articulações possíveis em outros tempos. A potencialização deste discurso comunitário em Venâncio Aires, que valoriza essencialmente a cultura alemã e a gaúcha, aponta para a homogeneização das diferenças, pois valoriza determinadas práticas em detrimento de outras. Como afirmou Skliar (2001, p. 124), “necessitamos do outro, mesmo assumindo certo risco, pois de outra forma não teríamos como justificar o que somos”.

Ao estabelecer os jeitos de ser e viver na comunidade venâncio-airesense, o discurso comunitário opera de forma a produzir determinadas normas que conduzem os indivíduos, definindo os que podem e os que não podem participar da vida comunitária do município. Este discurso pode ser pensado como uma tentativa de preservar algumas características da tradição germânica, como o associativismo e a religiosidade que, somado ao tradicionalismo gaúcho, constituem uma comunidade imaginada que exclui a maioria dos sujeitos negros. Ao produzir esse sujeito, o discurso da comunidade posiciona aqueles que não fazem parte da comunidade como estranhos. Mais do que estranhos, os afro-descendentes podem ser considerados os sujeitos que conhecemos, mas que por isso mesmo procuramos manter distância. Ao celebrar a diferença, este discurso colabora para que apaziguemos nossa consciência, pois podemos dizer: em Venâncio Aires, Capital do Chimarrão, a cuia passa de mão em mão, como se ali estivesse também a mão negra. Continuamos a defender que essa mão negra até pode segurar a cuia de chimarrão, mas não entre a maioria dos brancos. Essa condição de participação do afro-descendente deve ser a luta pela qual podemos continuar a lutar, especialmente no campo da Educação.

## **Referências**

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (orgs). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 13-37.

COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na Educação. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul./dez. 1997.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: \_\_\_\_\_; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 107-130.

MEYER, Dagmar E. E. *Identidades Traduzidas: Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2000.

NEUMAN, Marinês Teresinha. *Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, Jair Luiz. A presença da população afrodescendente em Venâncio Aires. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.

ROOS, Ana Paula. Sobre a (in)governabilidade da diferença. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, Etnicidade e Preconceito no Brasil*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2007.

SKOLAUDE, Mateus. *Identidades rasuradas: O caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2008.

VOGT, Olgário Paulo; ECKERT, José Paulo. Erva-mate e Chimarrão. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.

VOGT, Olgário Paulo (Org.) *Abrindo o Baú de Memórias: O Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2004.